

## Projeto Pigmaleão

João Sérgio Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** Notas de conferência no XIX Seminário Internacional Filosofia e Educação da Pós-Graduação à Educação (Cemoroc Feusp, abril 2018), discutindo, na perspectiva de David Keirsey o “Projeto Pigmaleão”, a tentativa de fazer o outro igual ao que somos.

**Palavras Chave:** Tipos psicológicos. David Keirsey. Projeto Pigmalião.

**Abstract:** Notes of a lecture at the XVIII Seminário Internacional Filosofia e Educação da Pós-Graduação à Educação (Cemoroc Feusp, april 2018), discussing from the David Keirsey point o fview the “Pygmalion Project”.

**Keywords:** psychological types. David Keirsey. Pygmalion Project.

### Introdução

Em 1978 David Keirsey lançou um livro original e inovador que revolucionou o estudo de temperamentos, *Please Understand Me*. Alguns anos mais tarde apareceu o volume II do mesmo título.

Ambos começam da mesma forma:

Se você não necessita do que eu necessito, por favor, não me diga que minha necessidade é errada.

Se minhas crenças são diferentes das suas, pare ao menos um instante antes de começar a corrigir as minhas.

Se minhas emoções parecem mais intensas que as suas, ou menos, nas mesmas circunstâncias, tente não me pedir para reagir de outra forma.

Se eu não faço o que você acha que se deve fazer, por favor, deixe-me agir do meu jeito. Por enquanto, não lhe peço que me compreenda; já sei que isso só ocorrerá quando você estiver disposto a deixar de tentar me converter em uma cópia sua.

Um chamado á compreensão e ao entendimento. Vejamos como isso começou.

No segundo volume ele nos conta que em 1956 trabalhava como psicólogo em escolas. Havia cinco anos que terminara sua pós-graduação e estava envolto em utilizar o que havia aprendido para solucionar conflitos entre alunos, pais, educadores e administradores que não conseguiam se relacionar sem atritos.

Caiu em suas mãos o teste de Myers-Briggs e ao respondê-lo viu que a descrição apontada para ele correspondia exatamente ao que era, seus gostos, aptidões e dificuldades. Percebeu que não estava sozinho, pertencia a um grupo e havia muitas pessoas semelhantes. Esse evento causou-lhe uma impressão muito profunda. Contamos que compreendeu então porque se sentia tão diferente de algumas pessoas e tão parecido com outras.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo.

A base para a elaboração do teste de Isabel Myers foi uma simplificação. Ela partiu da ideia de que aquilo que nos diferencia não deve ser procurado no exterior ou nas circunstâncias, mas dentro de cada um de nós. Pessoas diferentes têm reações diferentes, e podem ser agrupadas de acordo com algumas características. Daí surgiu um teste que produz um retrato falado de cada um de nós e dos que estão ao nosso redor. Observando muitas pessoas durante vários anos ela formulou uma teoria sólida onde muitos fracassaram. Recuperou as teorias da personalidade de Jung e chegou aos seus dezesseis tipos. Keirsey é muito grato aos trabalhos de Myers e reconhece seu valor ao dizer que teria sido impossível para ele formular sua teoria, sem conhecê-los.

Myers sugere que seus dezesseis tipos podem ser agrupados em quatro grandes grupos. Ao observá-los Keirsey concordou em parte, com dois grupos, mas não via grandes semelhanças entre os outros dois. Seus conhecimentos dos trabalhos de vários antecessores (Adickes, Spränger, Kretschmer e Fromm, além dos clássicos Platão, Aristóteles e Galeno) levaram-no a fazer uma distribuição assimétrica e conseguir outros dois grupos que satisfaziam sua procura: descreviam bem todas as pessoas e dividiam-nas em quatro grupos. Daí surgiram os Artesãos (SP), Guardiães (SJ), Idealistas (NF) e Racionais (NT). Para chegar a estes dois últimos, NF e NT, ele teve que descartar os SF e SJ que não tinham muito em comum. Essa descoberta foi genial e coroou a teoria. Não descemos a mais detalhes aqui pois isso já foi bastante abordado em outros artigos, além dos textos originais e inigualáveis do próprio David Keirsey.

### **A teoria dos temperamentos**

“Que é o homem?”. Essa é a grande pergunta formulada pela humanidade desde sempre (base para a ainda mais fundamental: quem sou eu?...), da Bíblia à música popular, passando por inúmeras ciências. Talvez seja a pergunta mais importante já feita, para a qual cada um tem as suas respostas, muito diferentes umas das outras.

São tantas as variáveis envolvidas que é difícil fazer resumos e sistematizações. Em uma das classificações possíveis a questão levantada é: nós somos basicamente iguais ou diferentes? Nossas reações diferentes procedem de escolhas individuais independentes em cada caso ou há uma tendência observável que podemos analisar e que indica um padrão em nosso comportamento?

Podemos resumir as respostas a essas indagações em dois grandes grupos. Um grupo diz que somos basicamente iguais e que nossas reações não têm nenhum padrão diferente dos outros. As diferenças são meras escolhas e amanhã as reações de dois indivíduos poderiam ser invertidas.

Outro grupo prega a divisão da humanidade em quatro grandes grupos, que se assemelham entre si e diferem dos outros. É o caso de Keirsey, Myers e tantos outros ao longo da história. Com relação a Freud, por exemplo, Keirsey diz que sim, somos motivados todos pelo prazer, mas de formas diferentes e com intensidades e motivações distintas, moduladas pelo nosso tipo psicológico.

Como já vimos as teorias de Keirsey dividem as pessoas em quatro grandes grupos que podem se subdividir cada um em mais quatro, chegando a dezesseis “sub grupos”. O fator essencial é chamado de S ou N, o que aproximadamente poderíamos chamar de realista sensorial (S) ou imaginativo (N). Com o fator S combinamos o J ou P, que aponta para a preferência por situações fechadas, de decisões tomadas (J) ou abertas, em processo (P). Já com o fator N combinamos F ou T, que seria sentimental ou legalista. Essa é a assimetria a que nos referimos acima. Ainda podemos utilizar o elemento I ou E, introvertido ou extrovertido. Com os quatro pares obtemos dezesseis

possibilidades. O próprio Keirsey se dizia um INTP, que ele classifica como arquitecto. Já dissemos em outros artigos que nestes estudos há uma grande dificuldade com relação à nomenclatura. Não é fácil encontrar as palavras exatas para os pares de fatores (S e N; J e P; F e T; E e I), nem tampouco para tipos. A título de exemplo podemos dizer que realista não define bem o que é S e que arquitecto não é bem a palavra para definir David Keirsey. Além disso, utilizamos aqui uma tradução bastante livre. Contudo, à medida que se vai conhecendo melhor essa teoria, esses conceitos ficam bem claros.

### **Temperamentos, carácter e personalidade**

Para tratar deste assunto é importante conceituar esses três elementos próximos mas não iguais. Para o nosso autor a personalidade tem duas vertentes, uma é o temperamento e a outra é o carácter. Temperamento é uma configuração de inclinações; carácter, de hábitos. Aquele é a predisposição e este a disposição. Caso encontremos um ambiente favorável as inclinações vão se transformar em hábitos e as predisposições em disposições. Assim podemos dizer que nascemos com um temperamento que se manifestará mais ou menos genuíno de acordo com o ambiente, circunstâncias, educação, liberdade, etc. que vamos encontrar e tudo isso irá moldar o nosso carácter.

Em minha experiência de aplicação dos testes e perguntas para identificação do tipo segundo Keirsey, costumo dizer que o que procuramos descobrir é o temperamento, a tendência, o que faríamos se fosse possível. Isso nem sempre coincide com o que fazemos de fato, e penso que alguns resultados não são exatos porque as pessoas pensam no que efetivamente fazem levadas pelas circunstâncias e pela vida, e não no que fariam se tivessem mais liberdade de movimentos.

O temperamento seria o hardware e o carácter o software, aquele uma base física; este um resultado visível, obtido da interação do temperamento com o ambiente e as circunstâncias. Como exemplo, podemos dizer que uma pessoa com fortes tendências às emoções e sentimentos pode ser treinada para não demonstrá-los de forma alguma pelo tipo de sociedade em que vive ou de educação que teve. Chegará um momento em que já não verá com muita clareza qual é seu temperamento, se sentimental ou frio. O mesmo se pode dizer de todos os fatores, havendo uma forte carga ambiental. Uma pessoa introvertida pode ter que atuar em uma atividade que a obriga a relacionar-se muito e acontecerá o mesmo: ela terá dificuldade de identificar seu fator I ou E.

Quanto à personalidade Keirsey afirma que discorda de Myers por partirem de premissas completamente distintas. Myers influenciada por Jung pensava que a personalidade se constitui a partir de elementos independentes. Já nosso autor, influenciado pela teoria da forma defendida por muitos autores do séc. XX, defende que a personalidade, como a anatomia, não surge por uma integração de elementos, mas como resultado de um todo integrado e se manifesta como uma configuração individual. Podemos dizer que partimos de um temperamento, colocamos o ambiente, as circunstâncias, a história de vida e todos os outros fatores que afetam nossa atividade e disso tudo resulta uma unidade com suas manifestações: a essa unidade chamamos personalidade.

Como já dissemos, há psicólogos que pensam de forma diferente e não concordam com a teoria dos temperamentos. Parece que alguns têm receio de aceitá-la por acharem que isso significaria renunciar à espontaneidade e ao livre arbítrio e que falar em temperamentos significaria o mesmo que a necessidade de agir de acordo

com o temperamento. Mas, como dissemos acima o temperamento é uma predisposição, uma tendência, que ainda deverá se transformar em realidade.

Parece-nos que o grande trunfo das teorias de Keirsey é o autorretrato que elas proporcionam. Ele próprio nos fala da profunda impressão de ver-se retratado no resultado do seu teste e essa experiência é compartilhada por muitas outras pessoas.

### **Utilidade das teorias de Keirsey**

Do que foi dito depreende-se que essas teorias são um instrumento muito poderoso. Elas proporcionam um grande autoconhecimento, uma forma de conhecer os outros e de estabelecer uma forma de compreensão e convivência harmoniosa.

Cada tipo psicológico tem diferentes valores, formas de ser, de confiar e de desejar, entre outras características. Cada um deles tem uma forma pela qual querem ser reconhecidos. Uns querem ser adaptáveis, outros respeitáveis, ou autênticos ou resolvidos. Nem todos temos as mesmas aspirações. Portanto, identificar o nosso grupo é conhecer muitas coisas a nosso respeito.

E conhecer os demais. Algo que me aconteceu várias vezes ao ajudar outras pessoas a identificar seu tipo segundo Keirsey foi fazer uma pergunta com algumas alternativas e pensar a respeito de algumas delas: que pergunta imbecil, ninguém vai optar por essa alternativa. E optavam. Meu pensamento estava errado, eu deveria dizer: eu jamais optaria por isto. Mas muitos outros sim.

E isso nos leva ao centro do nosso tema. As teorias que estamos analisando, se bem interpretadas, são um auxílio imenso à compreensão e à convivência. É o que nosso psicólogo chama de forma muito apropriada de Projeto Pigmaleão. Nós não estamos conscientes disso, mas é bem provável que estejamos bem envolvidos nesse Projeto.

### **O Projeto Pigmaleão**

Além dos conhecimentos próprio e alheio que produzem, as teorias de Keirsey têm outra vertente extremamente poderosa: são um forte estímulo à compreensão e convivência harmoniosa.

Vários elementos levam-nos a pensar que esse aspecto era muito importante para seu autor. O primeiro é a ocupação que ele desempenhava quando começou a desenvolvê-las. Como dissemos, ele era orientador psicológico em escolas e se dedicava a ajudar a todos os envolvidos a se relacionar bem. Podemos pensar que boa parte de sua teoria surgiu com a finalidade de ajudar as pessoas a se entenderem com suas diferenças.

Repitamos o apelo contra o Projeto Pigmalião: “deixe de tentar me converter em uma cópia sua”.

Voltemos a Keirsey:

Tolerar-me é o primeiro passo para compreender-me.

Não se trata de que você adote meu modo de ser como se fosse bom para você, mas de que não se irrite ou se decepcione comigo por não fazer o que você esperava. Talvez um dia, ao tentar me entender, você chegue a gostar das diferenças e, em vez de querer me transformar, você proteja essas diferenças e as valorize.

Posso ser seu cônjuge, pai, mãe, filho, amigo, colega: seja qual for o caso o que sei é que somos muito diferentes e cada um de nós irá no seu ritmo.

Trata-se de um texto muito forte e muito claro. Penso que se formos honestos teremos de reconhecer que já estivemos várias vezes dos dois lados que são apontados: não compreendemos alguém e não fomos compreendidos. Minha experiência ao transmitir esse texto em palestras sobre as teorias de Keirsey é a de ver um brilho nos olhos de vários dos assistentes, como se dissessem: “preciso disso para mostrar a tal pessoa!”.

Referindo-se aos dois livros que estamos citando o autor diz: “a essência destas obras é mostrar que as pessoas diferem umas das outras e que não importa o que façamos, nada as mudará. Na verdade, não há razão para mudá-las, pois o mais provável é que as diferenças sejam muito boas”.

Penso que aqui seja necessária uma ressalva. Como em tudo, é lógico que há diferenças e diferenças e como dizia o sábio grego *in medio virtus*. Se não houvesse nada a ser trabalhado nas pessoas não seriam necessários os estudos, as escolas, a transmissão da cultura. É óbvio que há muitas coisas a serem aprendidas por todos e, por exemplo, um mínimo de civilidade no comportamento é muito bem-vindo. A própria palavra educação remete a essa extração daquilo que há de melhor em nós e deve aparecer. E todos estamos de acordo em que ao mesmo tempo que precisamos de muita tolerância há também coisas intoleráveis.

Mas Keirsey se refere a outras diferenças: mais ou menos emoção, sociabilidade, decisões lógicas ou sentimentais, preferência pelo rotineiro ou pelo imprevisível, e tantas outras.

Ao submeter várias pessoas a perguntas, para determinar em qual dos dezesseis tipos psicológicos aos quais estamos nos referindo elas se enquadram, é preciso fazer uma observação: não há respostas certas e erradas, todas estão certas! Todos gostamos de acertar, de tirar a nota máxima, de votar no candidato que vai ganhar. Neste caso não há certo e errado. Todos são convidados a responder com toda a liberdade, sem medo de errar. E as respostas podem levar, e levam, aos dezesseis tipos. E todos estão certos! Não há tipos melhores ou piores! O certo ou errado virá depois, com o que se sobrepõe ao temperamento. Neste nível, estamos nas inclinações e nas predisposições.

Se é assim, por que não aceitamos o diferente? Por que a tentativa de controlar a vida alheia? Por que pensar sempre que nossa visão é a melhor? É difícil dizer os porquês mas é muito fácil perceber que isso ocorre exatamente dessa maneira na imensa maioria das vezes. É o que David Keirsey chama de Projeto Pigmaleão, a tentativa de fazer os outros perfeitos, que significa fazê-los iguais a nós, que somos perfeitos.

Existe na Psicologia um estudo ao qual se deu o nome de Efeito Pigmaleão ou Efeito Rosenthal. Esse é o nome dado ao fenômeno em que, segundo seus autores, quanto maiores as expectativas que se têm relativamente a uma pessoa, melhor o seu desempenho. Keirsey lhe dá outro significado.

Pigmaleão é descrito na mitologia grega como um exímio escultor que procurava sua parceira. Muito exigente queria uma mulher ideal e não conseguia. Cansado de procurar reproduziu seus anseios na pedra e criou uma escultura belíssima. Participando um dia de uma festa em homenagem a Vênus voltou a pedir-lhe que pusesse em seu caminho a mulher que procurava, a mulher ideal. Ao chegar em casa teve a gratíssima surpresa de perceber que sua escultura estava viva e deu-lhe o nome de Galateia. A história de Pigmaleão é usada para se referir a aqueles que buscam a pessoa ideal. O Projeto Pigmaleão é tentar transformar os que estão ao nosso lado, de suas imperfeições a uma posição mais próxima da perfeição que nós já atingimos.

Muitos conhecem a peça teatral “My fair lady” exibida também nos cinemas. No enredo dois lordes ingleses fazem uma aposta: transformar uma humilde e rude florista em uma dama, a lady do título. A peça original foi escrita por Bernard Shaw e chama-se Pigmaleão! Mais uma tentativa de transformar alguém na pessoa ideal. Em um dos diálogos o prof. Higgins, interpretado no filme por Rex Harrison, cansado de tentar conseguir sua lady, diz referindo-se à personagem de Audrey Hapburn: “por que ela não pode simplesmente ser como eu?” Uma frase que resume tudo o que queremos dizer aqui.

O autor põe no livro alguns exemplos. Os pais, diz, com frequência exortam os filhos a que os imitem e sigam seus passos: o Projeto Pigmaleão chega ao máximo ao indicar aos filhos sua própria imagem na maturidade como exemplo. Todos os temperamentos gostam de valorizar seu próprio estilo e querem por isso esculpir nos jovens sua própria imagem. Isso sempre será ruim, mas se os filhos forem de outro temperamento será pior ainda, um desastre.

Não é difícil pensar em situações que são extremamente propícias para o desenvolvimento de Projetos Pigmaleão.

Cônjuges com fatores diferentes, sendo um F e o outro T, terão provavelmente uma visão muito diferente sobre a educação dos filhos. Um será o bonzinho e o outro o severo, um o amigão e o outro o coração de manteiga, ambos querendo o melhor para os filhos.

Professores com tendência SJ farão de tudo para “normalizar” seus alunos, especialmente os dos tipos SP e NF que serão classificados como irresponsáveis e sonhadores, respectivamente.

Os SP, com sua ânsia de liberdade e imediatismo, terão dificuldade de aceitar quem lhes apresente um plano a ser seguido ou lhes peça tempo para dar uma resposta.

E assim por diante. Podemos dizer que em boa parte das situações em que há conflitos de opinião deve haver uma também uma diferença temperamental, que se fosse melhor compreendida poderia atenuar as incompreensões e arestas que costumam aparecer.

Para finalizar podemos dizer que as teorias de Keirsey são muito positivas e apontam enormes possibilidades para quem as conhece. Em geral, quando se diz a alguém, depois de um teste, qual o grupo ao qual pertence e suas características as pessoas esboçam um sorriso por ver-se reconhecidas e por gostarem do que ouviram. Keirsey não inventa a natureza humana, ele mostra um caminho que ajuda a compreendê-la. Uma das características dessa natureza é a tendência que todos temos, em maior ou menor grau, a querer reformar os outros de acordo com nossas regras. Conhecer o Projeto Pigmaleão pode ser uma boa ajuda para uma melhor compreensão e convivência entre todos.

Recebido para publicação em 07-01-18; aceito em 12-02-18